

THEATRO SELECTO BRAZILEIRO

COLLECCÃO ESCOLHIDA DE COMEDIAS,  
DRAMAS E SCENAS COMICAS

O DIABO

NO

RIO DE JANEIRO

EXQUISITICE COMICA E DIABOLICA

POR

F. C. VASQUES

PORTO

TYPOGRAPHIA THEATRAL

DE

PIRES FRANCO DA CUNHA

1889

THEATRO REAL DE LISBOA

COMEDIA DE FANTASIA DE GONCALVES  
MAYAL & SOBRINHO

O DIABO

20

MIO DE JANEIRO

ACTOS CINCO E SETE

COM

F. C. VASQUES

LISBOA

DE FANTASIA

DE GONCALVES

762

THEATRO SELECTO BRAZILEIRO

COLLEÇÃO ESCOLHIDA DE COMEDIAS, DRAMAS  
E SCENAS COMICAS

---

---

# O DIABO

NO

## RIO DE JANEIRO

EXQUISITICE COMICA E DIABOLICA

POR

F. C. VASQUES

---

---

PORTO

TYPOGRAPHIA THEATRAL

DE

PIRES FRANCO DA CUNHA

---

1889

MUSEU



BIBLIOTECA JENNY K. SEGALL

COLEÇÃO LOPES GONÇALVES



THEATRO SELECTO BRASILEIRO

SELECÇÃO ESPECIAL DE COMÉDIAS, DRAMAS  
E SÉRIAS COMICAS

O DIABO

N.º

DO DE JANEIRO

REPRESENTAÇÃO ÚNICA E ÚLTIMA

POR

F. C. VASQUES

PORTO

THEATRO THEATRICAL

N.º

PRIMEIRO DE JANEIRO

1888

THEATRO THEATRICAL  
PRIMEIRO DE JANEIRO

## O DIABO NO RIO DE JANEIRO

---

Exquisitice comica e diabolica

Um lugar escuro. Ao levantar o panno, forte na orchestra, trovões, relampagos, a terra abre-se, sahem chammas, e entre ellas o Diabo que salta em scena.

Desculpem a sem cerimonia, um tanto calorosa, com que me apresento: mas segundo o proverbio que diz: *pelo rodar do carro se conhece quem vem dentro*, eu, filho das entranhas da terra, não podia apresentar-me de outro modo! Eu sou o Diabo; moro no inferno, rua das Bruchas, esquina do largo das Brazas, n.º 13; tenho por vizinhança um usurario que empresta dinheiro sobre penhores, e uma velha que joga o pacau! Querem o meu cartão de visita? Creio que não será necessario... eu visito a todos, e espero que algum dia os senhores me visitarão tambem, sem que para isso seja preciso gastarmos papel e tinta! Eu não

sei a quem me dirijo; mas não importa, eu devo por força ter amigos aqui, como os tenho em toda a parte! E porque não?!... eu sou um rapaz util, engraçado, galante, não deixo de servir a quem recorre ao meu poder, toco rabeça nas horas vagas, bellisco a humanidade, arranho o coração das moças, ponho muita calva á mostra, fujo dos bons, protejo os máos, e danso ás vezes quando não tenho que fazer (*canta*):

Sou pagodista,  
Toco viola,  
No jogo da bola  
Tambem sou artista!  
Bebo cachaça,  
Danso o fandango,  
Das moças eu zango  
Fazendo chalaça!  
Fumo charuto,  
Tomo rapé,  
Estou sempre a pé  
Se vejo e se escuto  
Pagode que esquenta,  
De tudo comendo  
Eu só recommendo  
Não haja pimenta!

São duas cousas que ainda não pude traçar cá por este mundo: é o toucinho e a pimenta! A aversão ao toucinho é de familia;



agora o não gostar de pimentas foi um decreto de meu pai que me obrigou a detestal-as! Fazia elle annos; estavamos todos reunidos e preparados para comermos uma grande feijoada, sem toucinho já se sabe. Meu pai é quem fazia o molho: empunha o machucador, esmaga a primeira pimenta e salta-lhe um bago no olho esquerdo, que até hoje ainda chora por elle; foi desde esse dia que ficou creado o tal decreto numero... não sei quantos... «De hoje em diante, nós, filhos das chammas, decretamos o seguinte: o Diabo não come pimentas!!» Em compensação, a pimenta é uma das nossas melhores armas! Os senhores veem um homem de talento, um poeta, um artista, um militar valente, e taes artes nós empregamos, que ninguem faz caso d'elles; o homem de talento passa desapercibido; ninguem lê os versos do poeta, não se comprão as obras do artista e a nação não recompensa os serviços do militar; quasi mortos de fome, elles recorrem ao nosso poder, e a pimenta trabalha (*gesto*); este recebe uma herança, aquelle tira a sorte grande, aquell'outro faz um casamento rico... e a pimenta salta aos olhos da humanidade, que chora de inveja, mas vê-se obrigada pelo seu ardor a admirar o talento, a festejar o artista, a lêr os versos do poeta e a gritar até que a nação se lembre do soldado!... E nós, filhos do inferno, exultamos de prazer...

pois conseguimos o nosso fim... a inutilidade do genero humano, porque a pimenta (*gesto*) amortece o talento, transforma o poeta em taberneiro, o artista em cousa nenhuma, até o soldado pede a sua reforma e vae plantar batatas e socar milho para pintos! E digão que o diabo não tem serventia?!... Oh lá se tem!.. As velhas de mantilha é que nos querem mal; sempre de roزاریo e cruzando constantemente o dedo da mão direita no da mão esquerda, cousa com que eu encavaco deveras! Mas ha por ahi muita gente que nos estima; eu pelo menos posso crêr, porque (*canta*):

Sou pagodista,  
etc. etc. etc.

Sim, meus senhores, o diabo não é tão feio como o pintão, segundo se diz cá por este mundo, e com razão; quem ha que resista ás nossas tentações?! Quem ha por ahi que não me chame constantemente pelo nome?! O filho que pela primeira vez fuma o seu cigarrinho, e encontra-se com o pai, exclama, atirando-o fóra: *Oh diabo! diabo!* O pai que sem querer encontra-se com o filho em uma casa de commercio a comprar da mesma fazenda, exclama: *Oh diabo!* Um elegante encabida a casaca, enrola a gravata, toma as luvas e encaminha-se gostoso para uma reunião onde espera obter uma



resposta de sua bella! *Oh com seiscentos diabos!* é esta a sua exclamação ao receber pela cabeça um enorme balde d'agua, que não trazia sobrescripto, e que elle não póde saber d'onde sahio, por mais indagações que faça ao chapéo e á casaca. Ao subir para um carro, uma moça deixa vêr uma perna bem feita; um grupo que observa, exclama, pondo a luneta: *Oh diabo! diabo!* Um velho roceiro vem á cidade, e pergunta ao compadre que remedio ha de tomar para se vêr livre de umas dores de cadeiras, certo peso na cabeça, etc., etc. Este indica-lhe o Mal das vinhas; o homem sahe, mas a meio caminho, abysmado pelo que vê, esquece a indicação, dorme, no dia seguinte toma o caminho de ferro, e parte para a fazenda. Dias depois, começa a sentir as mesmas dores indicadas ao compadre, e exclama desesperado: *Oh diabo!* lá me esqueceu comprar a bisnaga! .. Meu nome é para todos e para tudo! Um callo pisado: *Oh diabo!* Um credor inesperado: *Oh diabo!* Um esquecimento: *Oh diabo!* Uma transferencia de espectáculo: *Oh com todos os diabos!* Na força do verão: *Oh que diabo de calor!* Na força do inverno: *Oh que frio do diabo!* Conversar com uma velha namoradeira: *Oh diabo!* Vêr uma moça bonita: *Ah diabo! diabo! diabo! diabo! diabo!* Sempre o *diabo!* Chamem, chamem por mim, porque eu não me farto de dizer (*canta*):

Sou pagodista,  
etc., etc., etc.

Agora que nos achamos mais relacionados, resta-me explicar a minha vinda ao mundo no anno de 1866. De todos os diabos lá de casa, eu sou o mais esperto e o unico que falla melhor o portuguez; aquillo por lá é uma torre de Babel, temos diabos de todas as côres, de todas as nações e de todos os sexos! A primeira vez que vim ao mundo, foi a pedido de Satam Formiga, que precisava de uma cidade lá nas suas regiões, e eu levei-lhe a cidade de Lisboa na algibeira do collete, cousa que deu ao depois bem grande trabalho ao marquez de Pombal. Esta é a segunda; e venho a pedido de meu pai, proteger um seu amigo intimo, um tal Lopes do Paraguay, que começa a ficar atrapalhado com o Brazil. Em quanto estive na Assumpção, fiz o que se pôde diabolicamente fazer! Fui eu o fabricante d'aquellas celebres pilulas que elle tem atirado pelo rio abaixo! Por causa d'elle inventei as taes agulhas que cosem seis e sete de uma vez, mas outros aproveitarão a invenção; quiz collocar-me á frente dos meus sympathicos paraguayos, mas levei tamanho supapo, que fiquei por muito tempo ignorando em que lugar me achava. Creio que a causa d'este trambolhão forão as bandeiras brasileiras; ha n'ellas uma corôa e



em cima d'essa corôa um symbolo que os meus olhos não gostão muito de ver! Forçado a retirar-me, mergulhei pela terra abaixo, e protestei vingar-me surgindo no Rio de Janeiro! A principio andei meio escabriado no meio d'esta cidade; mas hoje já me dou com muita gente boa e posso ter a satisfação satanica de dizer que tenho conseguido muita cousa em prol da minha vingança e a favor do meu amigo Lopes. Incendios, desabamentos, naufragios... tudo... tudo quanto o meu poder infernal possa conceber de mau, hei de executar! Em cada rua abrirei dez casas de jogo e a vermelhinha invenção de meu avô Belzebut trabalhará com affinco; os vagabundos passarão impunes pela policia; o recrutamento não se fará; a compadrice protegerá os afilhados, que apresentarão os seus documentos de isenção pregando uma luneta no olho; os empregados publicos passeiando e fumando, farão da rua do Ouvidor a sua verdadeira repartição e o trabalho do governo irá por agua abaixo; farei dos partidos politicos do paiz uma verdadeira casa de tintureiro. — Tinja-me esta casaca de vermelho! — Tinja-me esta de amarello! — Faça favor de me tingir esta de um vermelho amarellado! — Mude-me esta para um amarello avermelhado! — Eu preciso de um sobretudo de duas vistas, o avesso vermelho, o direito amarello! — Eu preciso limpar as nodoas d'este fraque! — Ve-



ja se pôde virar-me a casaca! — A confusão será tal, as côres serão tantas, que elles, cegos pela vaidade e vergados ao peso da enorme barriga, deixarão de vêr que a nação principia a ficar de calças pardas! E eu ficarei satisfeito, hei de rir... a bom rir... porque (*canta*):

Sou pagodista,  
etc., etc., etc.

Creio que meu pai ficará satisfeito com os meus serviços prestados ao seu amigo intimo; eu não me tenho poupado. Não ha diabolice que eu imagine que já não tenha praticado; por divertimento até tenho mudado a ordem natural das cousas! Em um bello dia empalmei quanta nota de dez tostões e dous mil reis encontrei, e por minha causa os graúdos choravão atraz dos miúdos! Estou em toda a parte onde é possivel distinguir-se o meu genio infernal; ora quebro bancos, ora adormeço as patrulhas para dar livre curso aos empréstimos forçados! Deito-me sobre a calva de um ancião respeitavel e no dia seguinte elle compra chinó para me esconder; passo a fazer-lhe cecegas, elle ri, até que o atiro em uma das casas filiaes do inferno! E ahi, pintado, frisado, e de bengalinha na mão, dá palmas, pede *bis*, atira flores... e eu com as minhas unhas rasgo-lhe a carteira, torno-lhe o corpo inutil e apanho-lhe

a alma! Sim, porque n'essas casas filiaes ninguém resiste ao meu poder. Ora salto da espuma da cerveja, ora pulo n'um copo de refresco, ora faço jogar o sôco nas cadeiras, ora brinco na scena com os artistas, dos quaes tenho feito armas poderosas! A's vezes, mettido na pelle do Hurbain, faço a platéa pular quando elle diz: «Faz favorr de tomarr sua mulherr, ella está muito gorrda». Arrumo um piparote no Marchand, e eil-o a fazer proezas! Ás vezes, caladinho, introduzo-me nos olhos da Lovato, que despedem immediatamente raios para a platéa... e não ha coração que não soffra nas cadeiras, nem beijo que se não pendure nas galerias! Agora, a Aimée, essa é a minha creatura mais predilecta; é com quem eu faço mais reinação; entro-lhe por um braço, saio-lhe por outro, dou-lhe belliscões, faço-lhe caretas, furto-lhe as ligas, escondo-lhe os grampos, e quando ella tem de dansar o *cancan*, transformo-me em calça de meia, e vamos juntos para a scena! A revolução é certa! A plateia se agita, as lunetas trabalhão, levantão-se os velhos, babão-se os moços, a orchestra embatuca, o Basilio não toca, o Arnaut fica tonto, os criados se esbarrão, quebrando as garrafas, o ponto emmudece, chovem as flores... e eu fico contente, porque o meu nome no dia seguinte é repetido muitas vezes, não se ouvindo senão estas palavras: A Aimée é o *diabo*! O turco,



o chim, o inglez, o francez, o hespanhol, até a preta mina que é vizinha do Alcazar, queixa-se á companheira, na manhã seguinte, dizendo: «Esse *diabo* dêsse muié qui canta ni triato, fazi baruio qui não dêxa gente drumi sua somno pra podê ganhá sua dinhêro! Tux *diabo!*»

E com isto creio que tenho cumprido a minha missão diabolica. Os senhores que decidão (*canta*):

Se esta scena não prestou,  
Se não tem p'ra vós criterio,  
Vá-se o diabo, ficando  
O Vasques fóra do sério.

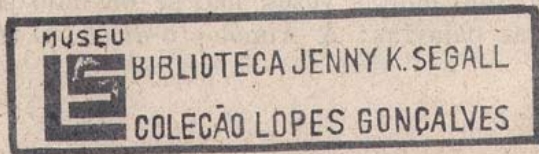
(*tira a cabelleira ao recitar o segundo verso*)

Sim, fique eu, porque apesar de não ser o diabo, posso tambem dizer (*canta*):

Sou pagodista.  
etc., etc., etc.

FIM

157





THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION

1898

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY  
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION  
1898

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY  
ASTOR LENOX TILDEN FOUNDATION  
1898

# THEATRO SELECTO BRAZILEIRO

## VOLUMES PUBLICADOS

### ACTOR VASQUES

- As pitadas do velho Cosme.** scena comica.  
**Os namorados de Julia.**  
**O fim do anno,** commentado por um vendedor de vigesimos.  
**O Joaquim Sachristão.**  
**O diabo no Rio de Janeiro,** exquisitice comica.  
**O snr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar.**  
**D. Rosa assistindo no Alcazar a um spectacle extraordinaire avec mlle. Biscelte,** scena comica em resposta ao snr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar.  
**Um dos taes.**  
**O Brazil e o Paraguay,** scena patriotica.  
**A Orphã,** scena dramatica, em verso.

- Por uma lagrima!**... comedia em um acto.  
**Onde está o gato?** comedia em um acto.  
**O Porto escorrega tanto!**... scena comica.  
**O cãoseiro,** poesia comica.  
**O captivo,** canção original.  
**Um alho Junior,** scena comica.  
**Tudo canudos!**... parodia ao actor, de Faustino X. de Novaes.  
**Quatro devotos de Baccho,** parodia á *Grã-Duqueza*.  
**O 103,** scena comica original.  
**Uma praca de reserva!**... scena comica.  
**Lamentações d'um andador,** scena comica original.  
**Ambos livres,** comedia em um acto.  
**Dá cá os suspensorios,** comedia em um acto.  
**Visões d'um poeta,** scena comica phantastica.  
**Tribulações d'um marido,** scena comica.  
**O chocolate de Mathias Lopes,** cançoneta comica.  
**Etc .. coisas .. e tal!**... poesia comica.  
**Um como tantos,** scena comica.  
**Querem ser artistas,** entre-acto original.